

DOSSIER

As tensões de força e a tarefa do sacerdote ascético

The tensions of force and the task of the ascetic priest

Angelo Marinucci¹

RESUMO

Neste artigo pretende-se analisar a tarefa do sacerdote ascético na terceira dissertação da *Genealogia da moral* a partir da teoria das forças e da tradução dos conceitos morais na linguagem das forças. Através de um percurso ao longo do pensamento de Nietzsche, de 1881 a 1888, ressaltar-se-ão alguns dos elementos essenciais a partir dos quais Nietzsche escreve a terceira dissertação e interpreta a figura do sacerdote ascético.

Palavras chave: Nietzsche, genealogia, força, sacerdote ascético.

ABSTRACT

In this article we aim to analyze the task of the ascetic priest in the third essay of *Genealogy of morals*, starting from the theory of force and the translation of moral concepts into the language of forces. Following Nietzsche's thinking from 1881 to 1888, some of the essential elements on the basis of which he writes the third dissertation and interprets the figure of the ascetic priest are highlighted.

Keywords: Nietzsche, genealogy, force, ascetic priest.

¹ PNPD no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Rua Alberto Rosa, 154, 96010-770. Pelotas, RS, Brasil. Email: angelico937@yahoo.co.uk

Introdução

Neste artigo propõe-se uma leitura da tarefa do sacerdote ascético na terceira dissertação da *Genealogia da moral* à luz da teoria das forças que está na base da vontade de poder, conforme a linha interpretativa de Müller-Lauter. A partir de suas ideias e, sobretudo, além delas, a interpretação da tarefa do sacerdote ascético se apoia, em particular, no fato de que é possível analisar o pensamento de Nietzsche posterior a *Humano, demasiado humano* introduzindo a possibilidade científica de escolha dentro do quadro determinístico geral do eterno retorno. As novas fontes científicas que fornecem a Nietzsche o espaço filosófico para uma forma de liberdade foram apresentadas em *Nietzsche et le retour éternel. Une nouvelle recherche généalogique et philosophique* (Marinucci e Crescenzi, 2015)². Só a partir desta possibilidade teórica se explica o desenvolvimento da luta entre vontades de poder, a saber, a partir do fato de que as tensões de forças podem se descarregar em diferentes direções e não na direção necessária, como seria preciso em um determinismo forte de tipo lagrangeano-laplaceano³.

Na base das referências ao artigo citado, neste texto serão apresentados, na medida do possível, exemplos da tradução da linguagem da moral na linguagem das forças. Isso é necessário, porque analisar a tarefa do sacerdote ascético significa mostrar como ela se configura enquanto aplicação direta da teoria das forças à moral. Obviamente, há muitas outras leituras possíveis, questões e fontes que não serão consideradas. O sacerdote ascético, portanto, será analisado a partir de uma perspectiva parcial, mas a leitura proposta traz elementos interpretativos novos e gerais.

Nesse sentido, é preciso, antes de mais nada, delimitar o campo interpretativo. No começo falar-se-á das tensões de força, mostrando que este tema fica sempre presente ao longo do pensamento de Nietzsche e o afeta profundamente. Por isso mesmo e para evitar problemas interpretativos, as citações seguirão a cronologia das obras e dos fragmentos de Nietzsche. A respeito deste assunto, é notável a possibilidade de se reconstruir uma continuidade ao longo dos textos e dos fragmentos de Nietzsche, a partir do 1881, ano da primeira elaboração do eterno retorno e também da “teoria das forças”, até os últimos cadernos. Isto significa que a questão das ligações entre forças e da moral é um elemento sempre presente no pensamento de Nietzsche que condiciona bastante as obras publicadas. Sendo impossível citar uma grande quantidade de textos, a escolha será feita de forma que em cada

etapa possam ser encontrados elementos novos que se apoiam e se colocam do lado dos textos de 1881-1882. Desta maneira chegar-se-á a 1887, ano da *Genealogia da moral*, e a 1888, com uma ferramenta teórica bem desenvolvida e apta à interpretação da tarefa do sacerdote ascético enquanto aplicação da teoria das forças⁴.

O caminho ao longo do pensamento de Nietzsche é necessário para entender, pelo menos desta perspectiva, a tarefa do sacerdote ascético de forma “afirmativa”; em outras palavras, a terceira dissertação, e não apenas ela, foi escrita com certeza *contra* o cristianismo, *contra* Schopenhauer, etc., mas em boa parte *a partir* das tensões de força. Naturalmente, como se disse, há outros elementos, mas o assunto deste artigo representa sem dúvida um dos elementos interpretativos da realidade que Nietzsche usa e pelos quais ele vai além da crítica.

Tensões de força e conceitos morais

No caderno MIII1, 1881-1882, Nietzsche elabora pela primeira vez o eterno retorno e a teoria das forças. Do ponto de vista das fontes científicas, em MIII1 se encontram interessantes referências às primeiras leituras de Nietzsche⁵, mas o núcleo interpretativo central é constituído pelas novas leituras científicas, sobretudo as dos anos 1880 e 1881, enquanto Nietzsche acessa o novo debate sobre liberdade e determinismo, inaugurado por Joseph Valentin Boussinesq e desenvolvido na revista *La critique philosophique*⁶.

Em *Die Dynamik der Willen zur Macht und die ewige Wiederkehr*, Abel já analisou e forneceu um quadro geral de muitas das referências científicas que Nietzsche usa para a elaboração da teoria das forças em função da interpretação das lutas entre vontades de poder. Ele justamente salienta o conceito de “descarga” (*Auslösung*) e o fato de que não é preciso que exista uma proporcionalidade entre causa e efeito. Estes elementos são centrais na interpretação da teoria das forças e do eterno retorno, mas o novo debate sobre liberdade e determinismo permitiu a Nietzsche introduzir a possibilidade da liberdade dentro do quadro determinístico e necessitarista da ciência de Joseph-Louis Lagrange e Pierre Simon Laplace. Este aspecto é essencial, por ter fornecido a Nietzsche a oportunidade de manter a doutrina do eterno retorno e de ter a possibilidade teórica de mudar os homens; não é por acaso que o livro seguinte à *Gaia ciência* foi *Assim falou Zaratustra*. Na verdade, sem a possibilidade da liberdade seria impossível mudar os homens, na medida em que tudo

² Uma versão completamente revisada deste artigo será publicada nos *Nietzsche-Studien*.

³ O ponto central é de que se o eterno retorno se baseia sobre assuntos científicos, então a possibilidade de escolha tem de ser igualmente científica. Se não fosse assim, a estrutura de pensamento de Nietzsche seria extremamente fraca.

⁴ Estes instrumentos teóricos podem ser aplicados ao pensamento inteiro de Nietzsche, juntamente com outros que se referem às fontes não físico-matemáticas do seu pensamento. Só a respeito da terceira dissertação da *Genealogia da moral*, são de grande importância, por exemplo, as fontes biológicas.

⁵ Na bibliografia estão citados vários textos a esse respeito.

⁶ Para mais detalhes, veja-se: Marinucci e Crescenzi, 2015.

aconteceria de forma necessária. O mesmo discurso vale para o sacerdote ascético e afeta profundamente sua interpretação; na verdade, ele é definido como “aquele que muda a direção do ressentimento” (Nietzsche, 2004a, § 15). Nesse sentido, é preciso que haja uma possibilidade teórica para que algo seja mudado, para que se tenha uma posição filosoficamente sustentável. Por isso, faz-se necessário mostrar, na medida do possível, a relação entre as forças e a moral desde os textos de 1881 até a *Genealogia*.

As consequências disso se encontram ao longo do pensamento de Nietzsche, sempre de formas diferentes, mas mantêm constantemente a marca originária destas leituras científicas. No caderno MIII1, lê-se:

No menor organismo se forma sem parar a força que depois tem que se descarregar [sich auslösen]: ou por si mesma, quando há plenitude, ou quando há um estímulo exterior. Para onde volve a força? Com certeza na [direção] habitual: então ali onde os estímulos dirigem, se moverá também a descarga [Auslösung] espontânea. Os estímulos mais frequentes educam também a direção da descarga [Auslösung] espontânea (Nietzsche, 1999a, 1881 11[139]).

Este fragmento resume, reduzindo o discurso ao núcleo central, a estrutura da dinâmica das forças que permanece quase invariável até os últimos anos da produção filosófica de Nietzsche⁸.

O mecanismo é simples: de um lado, há a força que se acumula e, do outro, a descarga que pode ter uma causa ou que pode ocorrer por plenitude.

É interessante notar a presença do pressuposto da liberdade: se ela não existisse, a direção seria a necessária, porém Nietzsche afirma e salienta – o grifo é dele – que a direção é a habitual, isto é, este é o lugar teórico onde o discurso ético pode ter sentido. Considerando que a questão da acumulação e da descarga tem uma origem científica e que ele está falando de espontaneidade e de estímulos – e não diretamente de causas –, Nietzsche está juntando o nível do discurso da força com o das ações humanas em geral e com as instintivas em particular.

A abertura para uma mudança de direção é tão profunda que Nietzsche afirma que até a espontaneidade, a resposta imediata e instintiva aos estímulos, pode ser educada; isto significa que até os elementos mais imediatos são mediatos⁹. Além disso, pelo fato de poderem ser “educadas”, as direções possíveis de descarga são rigorosamente contextuais.

Já desde os anos de 1881 e 1882, Nietzsche começa a criticar o uso tradicional da relação entre causa e efeito e o conceito de causa em si. Na verdade, isto é insito e imposto pela maneira na qual a teoria das forças toma forma. Este discurso resulta em um aforismo do quinto livro da *Gaia ciência* (1886), que será brevemente analisado e que, não por acaso, é colocado em continuidade com a primeira edição da *Gaia ciência* (1881). A esse respeito, no ano da elaboração da teoria das forças e do eterno retorno lê-se:

“Efeito”. O estímulo, exercido por uma pessoa, a estimulação que ela dá, junto à qual outros descarregam a sua força (por exemplo, o fundador de uma religião), é habitualmente confundido com o efeito: deduzem-se das grandes descargas de forças grandes “causas”. Falso! Podem ser estímulos e pessoas insignificantes: mas a força estava acumulada e estava pronta para explodir! Olhar para a história do mundo! (Nietzsche, 1999a, 1881 11[135]).

Para Nietzsche não são importantes tanto o gatilho que descarrega a força quanto a sua acumulação, pois é justamente ela que possibilita mudanças que ele considera gerais, já que aplica estes conceitos à “história do mundo”. Abel analisou bem a questão da proporcionalidade entre causa e efeito, mas isto é reforçado pelas novas leituras científicas destes anos e fica um elemento central no pensamento de Nietzsche. Sempre no caderno MIII1, Nietzsche pontua de forma clara e direta que recusa a conceitualidade tradicional na qual se insere a relação causa-efeito: “Para nós não há causa e efeito, mas apenas séries [Folgen] (‘descargas’) NB” (Nietzsche, 1999a, 1881 11[81]).

O “NB” reforça a interpretação que está sendo proposta. Se no MIII1 Nietzsche dialoga diretamente com as novas fontes científicas para adquirir novos instrumentos teóricos, nos anos posteriores ele os incorpora em seu pensamento filosófico, dando-lhe novo vigor. Neste sentido, torna-se mais forte a necessidade de interpretar os conceitos filosóficos em geral e os conceitos morais em particular a partir da teoria das forças:

Onde há um vivente, há repentinas explosões de força: o sentimento subjetivo anexo é “vontade livre” [das subjektive Gefühl ist “freier Wille” dabei]. O número e a potên-

⁷ Todas as traduções dos fragmentos são de minha autoria.

⁸ A esse respeito, analisar-se-á um fragmento de 1887, que repropõe quanto se afirma neste de 1881. Naturalmente, no de 1887 Nietzsche introduz o elemento novo da transvaloração dos valores, mas a dinâmica das forças fica a mesma.

⁹ Esta questão é extremamente importante na medida em que, até na terceira dissertação da *Genealogia da moral*, Nietzsche afirma que “o culpado busca instintivamente uma causa para sua dor” (Nietzsche, 2004a, § 15). Trata-se de um instinto, de uma imediatez que Nietzsche pensa enquanto incorporação (*Einverleibung*). No caderno MIII1, lê-se: “Eu falo de instinto quando um juízo qualquer (o gosto em seu grau menor) é incorporado, de maneira que agora ele mesmo anda espontaneamente e não precisa mais esperar um estímulo. Ele tem seu crescimento por si e conseqüentemente o sentido de uma atividade que empurra para fora. Nível intermediário: o meio-instinto, que reage apenas aos estímulos e caso contrário está morto” (Nietzsche, 1999a, 1881 11[164]).

cia destas explosões determinam antes de tudo o valor de um vivente: depois, a **direção** dada para estas explosões. Quando falamos de “razões para a ação”, entendemos sempre apenas “as razões para a direção” (Nietzsche, 1999b, 1883 16[20]).

Em suma, é preciso salientar que, já desde 1883, esse elemento moral supracitado, a “vontade livre”, é um “sentimento subjetivo anexo”, não é algo fundamental; o ponto central é a força que se descarrega, sobretudo a sua direção. Neste sentido, a descarga tem uma quantidade representada pelo “número” e pela “potência” e uma qualidade determinada pela direção. Aplicando esta estrutura teórica ao cristianismo, poder-se-ia dizer que com certeza ele teve e tem um grande valor na história do mundo, porém sua direção é ruim, enquanto sua própria configuração das forças e sua relativa estrutura valorativa *negam a vida*¹⁰. O fechamento do fragmento é, a esse respeito, extremamente claro. Nietzsche coloca que as “razões para a ação”, não apenas as razões morais, são “razões para a descarga”. Neste sentido, a partir da descarga pode-se construir um sentido para a vida, em suma, pode-se construir uma moral e, mais em geral, engendrar valores. Se a descarga é possível a partir dos *quanta* de força acumulada que se enfrentam, junto com a descarga – afirma Nietzsche – tem-se um sentimento de prazer ou desprazer, conforme a direção da descarga¹¹. Este elemento torna-se sempre mais importante e bem desenvolvido em Nietzsche¹²:

Nossa crença fundamental é que nós somos seres atuantes [wirkende Wesen], *forças atuantes*. Livre: *significa “não repellido e deslocado, sem o sentimento de coerção”*. NB. onde nós encontramos uma resistência [Widerstand] e temos que ceder a ela, nós nos sentimos *não livres*: onde nós não cedemos a ela, porém forçamos a que ela ceda a nós, [sentimo-nos] *livres*. Isto é, é o *sentimento do nosso mais de força*, que designamos ‘liberdade da vontade’, a consciência de que nossa força *coage*, na rela-

ção a uma força, que é coagida (Nietzsche, 1999d, 1885 34[250]).

Como mostram bem essas citações e em particular esta última, no período da elaboração de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche trabalha bastante sobre a sua proposta teórica focada na teoria das forças¹³. Nesta passagem continua a aproximação entre força e moral. Além do fato de que se trata de uma hipótese, como salientado pelo substantivo “crença”, Nietzsche ressalta, novamente através de “NB”, que os conceitos morais derivam das descargas e a ligação com as forças é dada pelo “sentimento de mais de força”. Sem aprofundar o fato de que Nietzsche fale de um “sentir” e não de razão, mostra-se que não existe um acesso direto à força ou, mais em geral, à vontade de poder, mas tudo se apoia na descarga, a saber, sobre aquele “mais de força”, relativo a duas ou mais acumulações de forças que se enfrentam. Neste sentido, uma ação recebe sua conotação moral se produz afirmação ou negação da vida¹⁴. Portanto, tudo o que é afirmação da vida vem do sentimento de mais de força; tudo que é negação da vida vem da inibição¹⁵: não existe, portanto, nada que seja moralmente caracterizável em si. Por exemplo, não é possível caracterizar como bom um determinado comportamento ou uma determinada ação fora do contexto no qual ocorre; algo é bom na medida em que é sentido como tal, não porque existe uma tábua qualquer de valores que pretende estabelecer valores em si¹⁶.

No caminho que, a partir desta perspectiva, leva até a *Genealogia da moral*, Nietzsche sente a exigência de esclarecer o que se entende por causalidade. No quinto livro da *Gaia ciência*, ele retoma e refina de forma bem satisfatória a diferença entre duas espécies de causas, já esboçada no período 1881-1882, a saber, o da primeira edição da *Gaia ciência*:

Duas espécies de causas confundidas. - Um dos meus passos e avanços mais substanciais parece-me ser este: aprendi a diferenciar a causa do agir da causa do agir de tal e tal modo, do agir numa particular direção, com um objetivo particular. A pri-

¹⁰ Já a partir dos anos de *Humano, demasiado humano*, mas sobretudo com a *Gaia ciência*, Nietzsche começa a pensar a moral em termos de afirmação e negação dos instintos. No caso que está sendo tratado, a direção do cristianismo se configura como negação da vida enquanto *inibe* e reprime os instintos que permitem ao indivíduo de sentir o “mais de força”, que daqui a pouco será explicado.

¹¹ “O desprazer é um sentimento [que nasce] junto [be] a uma inibição: porém, sendo que o poder pode-se tornar consciente só junto a inibições, o desprazer é um *ingrediente necessário de toda atividade* (toda atividade é direcionada contra algo que tem de ser superado). A vontade de poder *aspira* a resistências, ao desprazer. Há uma vontade de sofrimento no fundo de cada vida orgânica (contra a ‘felicidade’ como ‘fim’)” (Nietzsche, 1999c, 1884 26[275]).

¹² Pelo contrário, conforme o sacerdote ascético, haveria apenas razões para a ação e o cristianismo seria a única interpretação possível, seria, então, uma verdade absoluta.

¹³ A partir do trabalho de Müller-Lauter e do suporte da edição crítica dos textos de Nietzsche, é fácil mostrar que a vontade de poder é estritamente ligada à questão da força.

¹⁴ A partir pelo menos de 1884, Nietzsche começa a usar sempre mais frequentemente o termo “inibição” (*Hemmung*) para expressar a coação que produz o fato de não se sentir livre.

¹⁵ Em 1886 Nietzsche salienta bastante estes aspectos. Veja-se também: Nietzsche, 1999c, 1885 7[18].

¹⁶ Um exemplo específico e muito claro disso é a crítica de Nietzsche à moral da compaixão, presente não apenas na *Genealogia da moral*.

meira espécie de causa é um quantum de energia represada [acumulada], esperando ser utilizada de alguma forma, com algum fim; já a segunda espécie é algo insignificante comparado a essa energia, geralmente um simples acaso, segundo o qual aquele quantum se “desencadeia” [auslöst] de uma maneira ou de outra: o fósforo em relação ao barril de pólvora. Entre esses pequenos acasos e fósforos incluo todos os pretensos “fins” e também as ainda mais pretensas “vocações”: são relativamente fortuitos, arbitrários, quase indiferentes, em relação ao enorme quantum de energia que urge, como disse, para ser de alguma forma consumido. Normalmente as pessoas veem isso de outra maneira: estão acostumadas a ver precisamente no objetivo (finalidade, profissão etc.) a força **motriz**, conforme um erro antiquíssimo - mas ele é apenas força **diretiva**, o piloto foi aí confundido com o vapor. E muitas vezes nem mesmo o piloto, a força diretiva. . . O “objetivo”, o “fim”, não seria frequentemente um pretexto embelezador, um posterior fechar de olhos da vaidade, que não quer admitir que o barco **segue** a corrente na qual fortuitamente caiu? Que ele “quer” ir para lá porque - tem de ir? Que ele tem uma direção, mas não - um piloto? - Necessitamos de uma crítica do conceito de “finalidade” (Nietzsche, 2001, § 360).

É fácil reconhecer todos os elementos expostos até o momento e, na verdade, Nietzsche os resume de forma até demasiadamente concisa. Neste período ele está pensando nos elementos centrais de sua filosofia, portanto, pontua a diferença entre causa como acumulação e causa como gatilho, ressaltando que esta última, que seria a causa “normalmente” entendida, é “insignificante”. A partir disso, nos anos seguintes, Nietzsche foca a atenção na acumulação, na descarga e na direção.

Na passagem seguinte (1887), ele repropõe o primeiro fragmento aqui comentado (1881 11[139]), adicionando elementos novos, decisivos para a compreensão da *Genealogia da moral*, do *Crepúsculo dos ídolos* e do *Anticristo*:

Da pressão à plenitude, da tensão das forças que crescem constantemente em nós e ainda não sabem se descarregar, surge uma situação como o que antecede uma tempestade: a natureza que nós somos se **obscura**. Isso também é pessimismo. . . Uma teoria que acaba com uma tal situação **comandando** uma qualquer coisa, uma transvaloração dos valores, em virtude da qual é mostrado às forças acumuladas um caminho, um para onde, de maneira que

elas explodam em raios e ações - não precisa ser completamente uma teoria da felicidade: descarregando a força que se acumulava e pressionava até o tormento, **traz** [bringt] **felicidade** (Nietzsche, 1999d, 1887 11[38])¹⁷.

Os elementos comuns com os textos de 1881 são: plenitude, descarga, direção, força acumulada e a dependência das caracterizações morais da descarga. Entre os novos, ressalta-se a transvaloração dos valores. Em particular, ela é a específica e nova direção na qual a descarga de forças é direcionada, tanto que ela se mostra através de diferentes ações.

A transvaloração representa uma nova direção, ela é uma possibilidade, não é uma necessidade, à diferença de como ocorre no caso do sacerdote ascético.

A tradução dos conceitos morais na linguagem das forças é, como se disse, um elemento que fica constante no pensamento de Nietzsche até os últimos cadernos. Trata-se, nomeadamente, da tentativa, bem desenvolvida, de construir uma teoria na qual os conceitos morais sejam rigorosamente considerados como algo derivado e que não exercem um papel central. Ao longo do pensamento de Nietzsche eles se tornam “fenômenos concomitantes” ou “de acompanhamento” (*Begleiterscheinungen*), como já se mostrou suficientemente: eles representam a maneira pela qual *nomeiam-se* normalmente as descargas e as direções que a força toma. Usando termos bastante gerais, além do campo da moral, a distinção entre positivo e negativo deriva daquela entre afirmação e negação da vida ligada, por sua vez, ao sentimento de mais de força ou de inibição. Nesse sentido, a teoria das forças, diretamente ligada à elaboração do eterno retorno, é rigorosamente aplicada às questões morais, sem que exista uma solução de continuidade entre plano das forças e plano moral; em particular, os elementos centrais tornam-se os equilíbrios de forças e suas quebras. Os dois fragmentos seguintes, com certeza ligados à elaboração do *Crepúsculo dos ídolos* e ao *Anticristo*, mostram de forma evidente que Nietzsche se ocupa com essas questões até as últimas anotações:

Tese: não existe de forma alguma um agir não egoístico
: não existe igualmente um agir egoístico
: A felicidade não é jamais o fim do agir, o desprazer jamais a causa
por maior que seja o desprazer: se o mecanismo não fosse livre, não haveria, contudo, uma ação.
Prazer e desprazer não são causas, eles apenas põem algo
em movimento, eles o acompanham [begleiten]... (Nietzsche, 1999e, 1888 22[19]).
Falsa consequência no acreditar no ‘ego’
o homem aspira à felicidade: porém neste

¹⁷ Confira, também, Nietzsche, 2006, Incursões de um extemporâneo, § 44.

sentido não há uma unidade “que aspire”.

...
e a coisa à qual [wonach] todas as unidades aspiram não é de forma alguma a **felicidade** - fenômeno de acompanhamento [Begleiterscheinung] - quando a **força deles se descarrega**: o que faz agir não é a necessidade, mas a plenitude, que se descarrega a partir de um estímulo. . .
não é o ‘desprazer’ o pressuposto da atividade, aquela tensão é um grande estímulo.

...
contra a teoria **pessimista**, como se todo agir apontasse a querer se libertar de uma insatisfação, como se o prazer fosse o fim de uma ação qualquer (Nietzsche, 1999e, 1888 22[20]).

Seria extremamente interessante salientar todos os elementos presentes nestes fragmentos, como o “egoísmo”, mas, como ver-se-á pelo ressentimento na *Genealogia da moral*, o foco deste artigo é o de mostrar a estrutura do pensamento que forma o tecido no qual os conceitos se inserem.

Nessas passagens, Nietzsche critica a relação entre causa e efeito e despotencializa os conceitos morais até o ponto que os atributos egoístico e não egoístico não existem em si, mas são ligados à direção da descarga¹⁸. Obviamente, como Nietzsche afirma de novo, “se o mecanismo não fosse livre, não haveria, contudo, uma ação”. É justamente isso que possibilita que o sacerdote ascético possa ser aquele que muda a direção do ressentimento; na verdade, todos os conceitos morais, como prazer, desprazer, felicidade, liberdade, *acompanham* a descarga e tomam um sentido e um significado a partir da direção dela, conforme afirmação ou negação da vida. Isso reforça ainda mais o fato de que o valor dos conceitos morais é contextual e não existe em si. Esta dinâmica se torna mais clara no segundo fragmento, na medida em que voltam novamente elementos já comentados e presentes, em particular, nos fragmentos 11[139], de 1881, e 11[38], de 1887. A referência é claramente à “plenitude”, à “descarga” e à falta de “necessidade” no mecanismo.

Esse enorme trabalho teórico deságua no *Anticristo*, onde consta:

O que é bom? - Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem.

O que é mau? - Tudo o que vem da fraqueza.

O que é felicidade? - O sentimento de que o poder **cresce**, de que uma resistência é superada.

Não a satisfação, mas mais poder; sobretudo **não** paz, mas a guerra; **não** a virtude, mas a capacidade... (Nietzsche, 2004b, § 2).

A tarefa do sacerdote ascético

Esse percurso no interior das obras de Nietzsche fornece uma base suficiente para interpretar a tarefa do sacerdote ascético e, em particular, para ver como Nietzsche aplica o instrumento teórico da luta entre forças para interpretar o cristianismo, na figura do padre. Obviamente, por questões de espaço, não é possível analisar detalhadamente a terceira dissertação, mas a atenção será focada em lugares estrategicamente relevantes:

Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar [verstopfen] a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria (Nietzsche, 2004a, III § 11).

Esta citação representa a configuração geral da vida ascética, a saber, uma configuração específica e típica de uma descarga pela qual os valores postos negam a vida. Isso é caracterizado por Nietzsche através de uma figura da vontade de poder pela qual se “usa a força para estancar a fonte da força”. É por isso mesmo que este tipo de vida é uma contradição. Na verdade, já foi explicado que a força se acumula e depois se descarrega em uma das direções possíveis: pode-se, então, afirmar ou negar a vida. A tentativa do sacerdote é a de criar uma situação pela qual *não* se comanda uma transvaloração dos valores, ao contrário do que se viu no fragmento 11[38], de 1887. É nesse sentido que ele se assenhora da vida mesma! Impedir ou retardar a acumulação da força é um dos expedientes principais do sacerdote ascético para manter (Nietzsche, 2004a, III § 13) aquela determinada configuração (*Rangordnung*) das forças. Isto se encaixa perfeitamente na prioridade que Nietzsche confere à “causa” enquanto acumulação de forças em relação à “causa” como gatilho.

Nesta situação geral, as técnicas práticas principais para o sacerdote cumprir sua tarefa são duas: “Ele tem que defendê-lo, ao seu rebanho - contra quem? Contra os sãos; não há dúvida, e também contra a inveja que tem dos sãos” (Nietzsche, 2004a, III §15).

Claramente, o sacerdote combate os sãos na medida em que eles representam uma possibilidade diferente, externa ao que ele defende, *externa* à configuração das forças do cristianismo. Ele combate também a “inveja”, enquanto ela representa o elemento que pode ameaçá-lo *no interior* do seu rebanho. Esta inveja é, na verdade, um dos elementos capazes de aumentar o

¹⁸ A esse respeito, no *Crepúsculo dos ídolos*, afirma-se que “o valor natural do egoísmo” depende de a “linha” da vida ser “ascendente ou descendente” (Nietzsche, 2006, Incursões de um extemporâneo, § 33).

processo de acumulação da força para uma descarga diferente, uma maneira prática para evitar que a fonte da força “estanque”.

A partir dessa situação, o sacerdote

*[...] combate de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o **ressentimento**, é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que **muda a direção** [Richtungs-Veränderer] do ressentimento. Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente, ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível à dor, - em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos em ato ou in efigie (Nietzsche, 2004a, III § 15).*

No começo dessa citação voltam de novo e de forma bastante importante e clara alguns elementos da teoria das forças, em particular, o fato de que a força se acumula de qualquer forma, o fato de que ela tem de se descarregar e a imagem da explosão. A partir disso, além de retardar a acumulação da força, o sacerdote tem de descarregá-la para conservar os valores cristãos, garantia do controle sobre o rebanho. Na verdade, a vida ascética representa uma configuração das forças, pela qual os valores são organizados em uma *Rangordnung* específica. O efeito é, segundo Nietzsche, a negação da vida, que é uma forma de niilismo, mas não representa, ou não representa ainda, a anarquia dos instintos, a dissolução completa, a falta de um ou mais elementos organizadores da vida (Araldi, 2004). Isso significa que o sacerdote combate também o niilismo “suicida”, como consta no último aforismo da *Genealogia da moral* (Nietzsche, 2004a, III § 28)¹⁹. Neste ponto, pode-se facilmente entender por que Nietzsche escreve e salienta que o sacerdote “muda a direção”. O termo alemão “*verändern*” mostra mesmo a variação de direção e a importância da possibilidade da liberdade que a teoria da força confere. Para isso, o sacerdote tem de mostrar para suas ovelhas um objetivo *contra* o qual se possa descarregar a força acumulada, para que não se afirme a vida. Como Nietzsche já havia salientado várias vezes ao longo da *Genealogia da moral*, é preciso que o rebanho, ao tentar se libertar do sofrimento, na realidade, fique

sempre mais doente, sempre na mesma situação, sem cair em uma das duas opções extremas possibilitadas²⁰ pela configuração do cristianismo: o niilismo suicida e a transvaloração dos valores no sentido da afirmação da vida. Desta forma, o fundamental § 15 acaba com estas palavras:

“Eu sofro: disso alguém deve ser culpado” - assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém - somente você é culpada de si! . . .”. Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isto se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é - mudada (Nietzsche, 2004a, III § 15).

Considerando que o sacerdote afirma que a ovelha é a culpada do seu próprio sofrimento, ela descarrega dentro de si; portanto, temos um círculo de sofrimento – culpa – descarga como negação da vida – sofrimento. . . que, repetindo-se, mantém a descarga *habitual* e sustenta a interpretação cristã do acontecer. Por isso, Nietzsche pode afirmar que agora a direção é “mudada”. O verbo no passado representa o fechamento do círculo, no qual a ovelha já está, na medida em que “busca instintivamente uma causa”, um “culpado”.

Essas palavras levam diretamente à segunda dissertação da *Genealogia da moral*, onde Nietzsche afirma:

*Todos os instintos que não se descarregam para fora **voltam-se para dentro** - isto é o que chamo de **interiorização do homem**: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi **inibido** em sua descarga para fora (Nietzsche, 2004a, II § 16).*

Embora essa passagem não possa ser devidamente comentada, Nietzsche mostra claramente que a direção para dentro produz a alma, o mundo “interior” e constitui a base para a circularidade que o sacerdote ascético tenta manter nas ovelhas.

O que falta aqui? Falta o sentimento de mais de força, característico da afirmação da vida, mas a tarefa do sacerdote é justamente a de inibir, de negar a vida: ela é sempre interpretada a partir da teoria das forças, na maneira na qual foi resumidamente exposta.

¹⁹ Não é possível aprofundar este assunto agora, mas deve-se pelo menos dizer que, de qualquer forma, a configuração geral das forças do cristianismo possibilita o niilismo suicida, embora lute contra sua realização.

²⁰ O verbo “possibilitar” precisa ser destacado na medida em que Nietzsche raciocina sempre a partir de um plano imanente. No caso da sua época, trata-se da *Rangordnung* do cristianismo. Nesse sentido, as possibilidades de novas configurações das forças não são abstratas, mas sempre concretas. Em particular, elas dependem do grau de acumulação de forças de cada uma das vontades de poder que lutam para direcionar a descarga. É muito interessante salientar outrossim que o termo “instintivamente” se refere à incorporação de juízos; trata-se, portanto, de algo histórico.

De qualquer forma, com todos os seus limites, o cristianismo forneceu um sentido para o sofrimento, o direcionou prometendo uma vida depois da morte:

A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade - e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido! Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o "faute de mieux" [mal menor] par excellence. Nele o sofrimento era interpretado; a monstruosa lacuna parecia preenchida; a porta se fechava para todo niilismo suicida. A interpretação - não há dúvida - trouxe consigo novo sofrimento, mais profundo, mais íntimo, mais venenoso e nocivo à vida: colocou todo sofrimento sob a perspectiva da culpa. . . (Nietzsche, 2004a, III § 28).

O cristianismo em geral e, em particular, a pessoa do sacerdote ascético interpreta o significado que ele construiu em um horizonte de sentido dentro do qual o homem pudesse viver²¹. Este horizonte é constituído, nomeadamente, pelos conceitos morais (e não apenas morais), que direcionam a vida dos indivíduos. *Eles se tornam, portanto, causas e/ou fins do agir* capazes de dominar todos os aspectos da vida.

Na perspectiva de Nietzsche, ao contrário, eles são produzidos dentro de um contexto, que é possível a partir de uma descarga. É preciso, portanto, procurar um sentido novo para o sofrimento (Nietzsche, 2001, § 370), mas por enquanto a tarefa do sacerdote ascético é cumprida!

Referências

- ABEL, G. 1984. *Die Dynamik der Willen zur Macht und die ewige Wiederkehr*. Berlin - New York, De Gruyter.
- ARALDI, C. 2004. *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo, UNIJUÍ.
- CAMPIONI, G. 2003. *Nietzsches persönliche Bibliothek*. Berlin, De Gruyter.
- CHAVES, E. 2014. Entladung como Auslösung na Genealogia da moral de Nietzsche. In: André Luis Muniz GARCIA; Lucas ANGIONI (ed.), *Labirintos da filosofia*. Campinas, Phi, 492 p.
- GERHARDT, V. 1992. Selbstbegründung: Nietzsches Moral der Individualität. *Nietzsche-Studien*, 21(1):28-49.
- GIACÓIA Jr., O. 2013. *O humano como memória e como promessa*. Petrópolis, Editora Vozes.
- GORI, P. 2007. *La visione dinamica del mondo*. Napoli, Città del Sole.
- HIMMELMANN, B. 1996. *Freiheit und Selbstbestimmung: Zu Nietzsches Philosophie der Subjectivität*. Freiburg – München, K. Alber.
- KAUFMANN, W. 1982. *Nietzsche: Philosoph - Psychologe - Antichrist*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- MARINUCCI, A.; CRESCENZI, L. 2015. Nietzsche et le retour éternel: Une nouvelle recherche généalogique et philosophique. *Estudos-Nietzsche*, 6(2):161-197.
- MARTON, S. 1990. *Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo, Brasiliense.
- MILKOWSKI, M. 2001. Freiheit als Ethik bei Nietzsche. In: Renate RESCHKE (ed.), *Zeitenwende - Wertewende*. Berlin, Akademie Verlag, p. 335-338.
- MITTASCH, A. 1952. *F. Nietzsche als Naturphilosoph*. Stuttgart, Kroner.
- MOORE, G.; BROBJER, T.H. 2004. *Nietzsche and Science*. Aldershot, Ashgate.
- MÜLLER-LAUTER, W. 1997. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo, Annablume.
- MÜLLER-LAUTER, W. 1999a. Der Organismus als innerer Kampf: Der Einfluß Von Wilhelm Roux auf F. Nietzsche. In: *Über Werden und Wille zur Macht: Nietzsche-Interpretationen I*. Berlin-New York, De Gruyter, p. 97-140.
- MÜLLER-LAUTER, W. 1999b. Freiheit und Wille bei Nietzsche. In: *Über Freiheit und Chaos: Nietzsche-Interpretationen II*. Berlin-New York, De Gruyter, p. 25-130.
- NIETZSCHE, F. 1999a. Nachlaß 1880-1882. In: *Kritische Studienausgabe*. Vol. 9. Berlin, de Gruyter.
- NIETZSCHE, F. 1999b. Nachlaß 1882-1884. In: *Kritische Studienausgabe*. Vol. 10. Berlin, de Gruyter.
- NIETZSCHE, F. 1999c. Nachlaß 1884-1885. In: *Kritische Studienausgabe*. Vol. 11. Berlin, de Gruyter.
- NIETZSCHE, F. 1999d. Nachlaß 1885-1887. In: *Kritische Studienausgabe*. Vol. 12. Berlin, de Gruyter.
- NIETZSCHE, F. 1999e. Nachlaß 1888-1889. In: *Kritische Studienausgabe*. Vol. 13. Berlin, de Gruyter.
- NIETZSCHE, F. 2001. *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. 2004a. *Genealogia da moral*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. 2004b. *O anticristo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. 2005. *Além do bem e do mal*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. 2006. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. 2014. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PASCHOAL, A.E. 2015. *Nietzsche e o ressentimento*. São Paulo, Humanitas.
- PIAZZESI, C.; GORI, P. 2012. Un demone che ride: esercizi di serenità filosofica. In: *Crepuscolo degli idoli*. Roma, Carocci, p. 9-35.

Submetido em 16 de março de 2019.

Aceito em 15 de junho de 2019.

²¹ A questão da interpretação do sofrimento é bastante importante porque, segundo Nietzsche, o cristianismo não oferece uma verdadeira solução, a não ser através do niilismo suicida (Nietzsche, 2004a, III § 28). Os homens continuam sofrendo, mas eles acreditam que o próprio sofrimento não seja em vão. O sacerdote orienta os indivíduos para a vida depois da morte, sem considerar o fato de que seus instintos possam ser inibidos e, para Nietzsche, são mesmo inibidos.